



FATEDUC

FACULDADE TEOLÓGICA
DE DUQUE DE CAXIAS

CURSOS LIVRES

MÓDULO II

VOLUME III

TEORIA FREUDIANA

DOS FUNDAMENTOS À
COMPREENSÃO DO APARELHO
PSÍQUICO E DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO



COMPREENDER
O INCONSCIENTE
É COMPREENDER
O SER HUMANO.





UNIDADE II – A SEGUNDA TÓPICA

CAPÍTULO 11

O EGO: O MEDIADOR ENTRE O DESEJO E A REALIDADE

"O Ego representa aquilo que pode ser chamado de razão e bom senso, em contraste com o Id, que contém as paixões."

— **Sigmund Freud**, *O Ego e o Id* (1923)

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender o conceito de Ego na teoria freudiana;
- identificar suas principais funções no aparelho psíquico;
- distinguir o Ego do Id e do Superego;
- compreender o princípio da realidade;
- reconhecer a importância clínica do Ego para o equilíbrio da personalidade.

1. Introdução

No capítulo anterior estudamos que o **Id** constitui a instância mais primitiva da personalidade, funcionando segundo o princípio do prazer.

Entretanto, se apenas o Id existisse, o ser humano buscaria satisfazer todos os seus desejos imediatamente, sem considerar os riscos ou as consequências.

À medida que a criança cresce e entra em contato com o mundo externo, ela percebe que nem tudo é possível.

É nesse contexto que surge o **Ego**.

O Ego representa a parte da personalidade que estabelece contato com a realidade, organiza o comportamento e busca formas adequadas de satisfazer os impulsos do Id.



2. O que é o Ego?

O termo **Ego** deriva do latim e significa "**eu**".

Para Freud, o Ego não corresponde simplesmente à identidade da pessoa.

Ele é uma instância psíquica responsável por:

- perceber a realidade;
- pensar;
- planejar;
- decidir;
- avaliar consequências;
- controlar impulsos;
- mediar conflitos.

Enquanto o Id pergunta:

"O que eu desejo?"

O Ego pergunta:

"É possível realizar esse desejo agora?"

3. Como surge o Ego?

O Ego não nasce pronto.

Ele desenvolve-se progressivamente durante a infância.

Inicialmente, o bebê acredita que seus desejos são satisfeitos automaticamente.

Com o tempo, descobre que depende de outras pessoas e que existem limites.

Essas experiências favorecem o surgimento do Ego.

Portanto, o Ego nasce do próprio Id, mas modifica sua forma de funcionamento ao entrar em contato com a realidade.



4. O princípio da realidade

Enquanto o Id obedece ao princípio do prazer, o Ego funciona segundo o **princípio da realidade**.

Esse princípio não elimina o prazer.

Ele apenas ensina que, muitas vezes, é necessário:

- esperar;
- planejar;
- negociar;
- adiar a satisfação.

O Ego compreende que a satisfação imediata pode trazer consequências negativas.

Exemplo

Uma pessoa sente vontade de responder agressivamente durante uma discussão.

O Id impulsiona essa reação.

O Ego avalia que isso poderá prejudicar o relacionamento ou gerar problemas maiores.

Em vez de agir impulsivamente, a pessoa decide conversar em outro momento.

Esse adiamento demonstra a atuação do princípio da realidade.

5. As funções do Ego

Freud atribuiu diversas funções ao Ego.

Entre as principais destacam-se:

Percepção da realidade

O Ego interpreta os estímulos provenientes do ambiente.

Ele diferencia acontecimentos reais de fantasias.



Pensamento

É o Ego que organiza o raciocínio lógico.

Ele compara informações, estabelece relações e resolve problemas.

Planejamento

O Ego permite que o indivíduo estabeleça metas e organize ações futuras.

Julgamento

O Ego avalia vantagens, riscos e consequências antes da tomada de decisões.

Controle dos impulsos

Uma das funções mais importantes do Ego consiste em administrar as exigências do Id.

Ele não elimina os impulsos.

Procura satisfazê-los de maneira compatível com a realidade.

6. O Ego e o inconsciente

Um equívoco comum consiste em imaginar que o Ego seja totalmente consciente.

Freud mostrou que isso não corresponde à realidade.

Parte importante do Ego permanece inconsciente.

Por exemplo:

- mecanismos de defesa;
- hábitos automáticos;
- formas inconscientes de adaptação.

Assim, o Ego participa tanto da consciência quanto do inconsciente.



7. O Ego como mediador

Freud comparava o Ego a um mediador.

Ele precisa administrar três grandes exigências:

As exigências do Id

Desejos, impulsos e pulsões.

As exigências da realidade

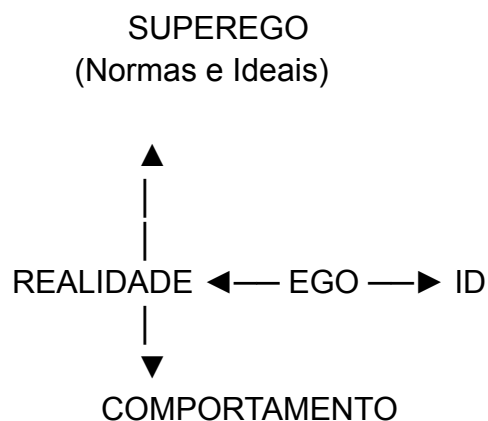
Leis, limites físicos, relações sociais.

As exigências do Superego

Valores morais, culpa, ideais e proibições.

Grande parte do sofrimento psicológico decorre da dificuldade do Ego em equilibrar essas três forças.

Esquema



O Ego encontra-se permanentemente entre desejos internos, exigências morais e limitações externas.



8. A ansiedade

Quando o Ego percebe que não conseguirá equilibrar essas forças, surge a ansiedade.

Freud distinguiu diferentes formas de ansiedade.

Entre elas:

Ansiedade realista

Relaciona-se a perigos concretos do ambiente.

Exemplo:

medo diante de um incêndio.

Ansiedade neurótica

Decorre do medo de que os impulsos do Id escapem ao controle.

Ansiedade moral

Relaciona-se às críticas do Superego.

Manifesta-se frequentemente sob a forma de culpa intensa.

9. Os mecanismos de defesa

Para lidar com a ansiedade, o Ego utiliza estratégias inconscientes denominadas **mecanismos de defesa**.

Esses mecanismos não eliminam os conflitos.

Seu objetivo é reduzir temporariamente o sofrimento psíquico.

Entre os principais encontram-se:

- recalque;
- negação;



- projeção;
- racionalização;
- formação reativa;
- regressão;
- sublimação.

Cada um deles será estudado detalhadamente em capítulo específico.

10. O fortalecimento do Ego

Um dos objetivos da Psicanálise consiste em fortalecer o Ego.

Isso significa ampliar a capacidade do indivíduo de:

- reconhecer seus desejos;
- tolerar frustrações;
- lidar com conflitos;
- estabelecer relações saudáveis;
- tomar decisões conscientes.

Fortalecer o Ego não significa eliminar o Id ou o Superego.

Significa melhorar a capacidade de mediação entre essas instâncias.

11. O Ego e a adaptação

O Ego exerce importante papel na adaptação ao ambiente.

Ele permite:

- aprender com a experiência;
- modificar comportamentos;
- desenvolver autonomia;
- assumir responsabilidades.

Quanto mais flexível e organizado for o Ego, maior tende a ser a capacidade de enfrentar desafios cotidianos.



12. O Ego na prática clínica

Durante o processo analítico, o fortalecimento do Ego manifesta-se de diferentes maneiras.

O paciente passa a:

- compreender melhor suas emoções;
- reconhecer padrões repetitivos;
- tolerar frustrações;
- assumir responsabilidade por suas escolhas;
- desenvolver maior autonomia emocional.

O objetivo não é tornar a pessoa "perfeita", mas ampliar sua capacidade de lidar com os conflitos inevitáveis da vida.

Estudo de Caso

Fernanda, 35 anos, procura análise devido à dificuldade de controlar compras impulsivas.

Sempre que enfrenta situações estressantes, realiza compras que excedem seu orçamento.

Durante o tratamento, percebe que essas aquisições proporcionam alívio imediato, mas são seguidas por culpa e arrependimento.

A análise demonstra que o Id busca satisfação imediata, enquanto o Superego a critica severamente.

O Ego, inicialmente pouco eficiente na mediação desse conflito, fortalece-se gradualmente ao longo do processo terapêutico.

Com isso, Fernanda aprende novas formas de lidar com suas emoções sem recorrer automaticamente às compras.



Quadro Comparativo

Característica	Ego
Origem	Desenvolve-se a partir do Id
Funcionamento	Parcialmente consciente e inconsciente
Princípio	Princípio da realidade
Principal função	Mediar conflitos
Relação com a realidade	Direta
Papel clínico	Organização da personalidade

Aplicação Clínica

Carlos procura atendimento por apresentar explosões frequentes de raiva.

Sempre que se sente contrariado, reage impulsivamente.

Ao longo da análise, aprende a identificar os sentimentos que antecedem essas reações.

Gradualmente, desenvolve maior capacidade de refletir antes de agir.

Esse fortalecimento do Ego reduz significativamente os conflitos familiares e profissionais, demonstrando a importância dessa instância para o equilíbrio psíquico.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que:

- o Ego surge a partir do contato do indivíduo com a realidade;
- funciona segundo o princípio da realidade;
- exerce funções de percepção, pensamento, planejamento e julgamento;
- media os conflitos entre Id, Superego e realidade;
- utiliza mecanismos de defesa para reduzir a ansiedade;
- parte do Ego permanece inconsciente;



- o fortalecimento do Ego constitui um importante objetivo do tratamento psicanalítico.

GLOSSÁRIO

Ego: instância psíquica responsável por mediar os conflitos entre o Id, o Superego e a realidade.

Princípio da realidade: capacidade de adiar a satisfação imediata para considerar as consequências e limitações do mundo externo.

Ansiedade: estado emocional que sinaliza conflitos ou perigos percebidos pelo Ego.

Mecanismos de defesa: estratégias inconscientes utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade.

Mediação: função exercida pelo Ego ao equilibrar desejos, normas morais e realidade.

ATIVIDADES

Questões objetivas

1. O Ego funciona segundo:

- a) o princípio do prazer.
- b) o princípio da realidade.
- c) o princípio moral.
- d) o princípio da fantasia.

2. O Ego desenvolve-se:

- a) antes do nascimento.
- b) a partir do contato do indivíduo com a realidade.
- c) somente na adolescência.
- d) independentemente do Id.

3. Uma das principais funções do Ego é:



- a) eliminar os impulsos do Id.
- b) mediar conflitos entre Id, Superego e realidade.
- c) produzir pulsões.
- d) substituir o Superego.

4. Segundo Freud, o Ego é:

- a) totalmente consciente.
- b) totalmente inconsciente.
- c) parcialmente consciente e parcialmente inconsciente.
- d) exclusivamente moral.

5. Os mecanismos de defesa são utilizados pelo Ego para:

- a) aumentar os conflitos.
- b) eliminar definitivamente os desejos.
- c) reduzir a ansiedade provocada pelos conflitos psíquicos.
- d) impedir qualquer emoção.

Questões discursivas

1. Explique como o Ego se desenvolve a partir do Id.
2. Diferencie o princípio do prazer do princípio da realidade.
3. Quais são as principais funções do Ego?
4. Explique a relação entre Ego e mecanismos de defesa.
5. Justifique a importância do fortalecimento do Ego na prática clínica.

LEITURA COMPLEMENTAR

- **Freud, Sigmund.** *O Ego e o Id* (1923).
- **Freud, Sigmund.** *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926).
- **Anna Freud.** *O Ego e os Mecanismos de Defesa*.
- **Garcia-Roza, Luiz Alfredo.** *Introdução à Metapsicologia Freudiana*.
- **Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand.** *Vocabulário da Psicanálise*.



UNIDADE II – A SEGUNDA TÓPICA

CAPÍTULO 12

O SUPEREGO: A CONSCIÊNCIA MORAL E O IDEAL DO EU

"O Superego observa cada passo do Ego e o mede segundo um ideal que ele próprio estabeleceu."

— **Sigmund Freud**, *O Ego e o Id* (1923)

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender o conceito de Superego na teoria freudiana;
- identificar sua origem e processo de formação;
- explicar sua relação com o Complexo de Édipo;
- diferenciar consciência moral e Ideal do Eu;
- reconhecer a importância clínica do Superego na constituição da personalidade.

1. Introdução

Nos capítulos anteriores, estudamos duas das três instâncias da personalidade descritas por Freud:

- o **Id**, fonte das pulsões e dos desejos;
- o **Ego**, responsável pela mediação entre os impulsos internos e a realidade.

Resta compreender a terceira instância: o **Superego**.

Enquanto o Id pergunta:

"O que eu desejo?"

E o Ego pergunta:

"O que posso fazer?"



O Superego pergunta:

"O que devo fazer?"

É ele que introduz no psiquismo humano os valores, as proibições, os ideais e a consciência moral.

2. O que é o Superego?

O Superego é a instância psíquica responsável por representar as normas morais e os valores internalizados pelo indivíduo.

Ele funciona como um juiz interno.

Sua tarefa consiste em avaliar pensamentos, desejos e comportamentos.

Quando considera que determinada atitude é incompatível com seus valores, produz sentimentos como:

- culpa;
- vergonha;
- arrependimento;
- autocrítica.

Quando o comportamento corresponde aos seus ideais, favorece sentimentos de satisfação, dignidade e dever cumprido.

3. Como o Superego se forma?

Freud afirmava que o Superego não está presente no nascimento.

Ele se desenvolve gradualmente durante a infância.

A criança começa a perceber que determinadas condutas são aprovadas e outras são desaprovadas pelos pais e por outras figuras de autoridade.

Com o tempo, essas regras deixam de depender da presença física dos adultos.

Elas passam a fazer parte da própria personalidade.

Esse processo é denominado **internalização**.



4. O Complexo de Édipo e a formação do Superego

Segundo Freud, o momento decisivo para a formação do Superego ocorre durante a resolução do **Complexo de Édipo**.

Ao renunciar aos desejos edipianos e identificar-se com os pais, a criança internaliza:

- normas;
- limites;
- valores;
- modelos de comportamento.

Essas identificações tornam-se a base do Superego.

Embora autores posteriores tenham ampliado e revisado essa teoria, ela continua sendo fundamental para compreender o pensamento freudiano.

5. As duas funções do Superego

Freud atribuiu ao Superego duas funções principais.

A consciência moral

A consciência moral critica comportamentos considerados inadequados.

É ela que produz o sentimento de culpa quando o indivíduo acredita ter violado seus próprios princípios.

O Ideal do Eu

O Ideal do Eu representa aquilo que a pessoa deseja ser.

Inclui:

- metas;
- virtudes;
- modelos de excelência;
- expectativas pessoais.



Enquanto a consciência moral pune os desvios, o Ideal do Eu impulsiona o crescimento e o aperfeiçoamento.

Exemplo

Uma professora dedica-se constantemente aos estudos.

Ela não o faz apenas para evitar críticas.

Também deseja tornar-se uma excelente profissional.

Nesse caso, atua o Ideal do Eu.

6. O sentimento de culpa

A culpa ocupa posição central na teoria do Superego.

Freud observou que muitas pessoas sentem culpa mesmo quando não cometeram nenhuma falta objetiva.

Isso acontece porque o Superego não julga apenas ações.

Ele também julga:

- desejos;
- pensamentos;
- fantasias;
- intenções.

Por essa razão, alguém pode experimentar intensa culpa por algo que jamais realizou concretamente.

7. O Superego saudável e o Superego severo

O funcionamento do Superego varia entre os indivíduos.

Superego equilibrado

- orienta;



- estabelece limites;
- favorece responsabilidade;
- promove convivência social.

Superego excessivamente rígido

- produz culpa constante;
- exige perfeição;
- favorece autocrítica intensa;
- dificulta o prazer;
- pode contribuir para quadros depressivos e ansiosos.

Superego pouco desenvolvido

Quando o Superego é insuficientemente estruturado, podem surgir dificuldades em:

- reconhecer limites;
- respeitar regras;
- assumir responsabilidades;
- sentir culpa diante de comportamentos prejudiciais.

8. O Ego entre duas pressões

O Ego vive constantemente pressionado por forças opostas.

De um lado:

o Id exige satisfação imediata.

Do outro:

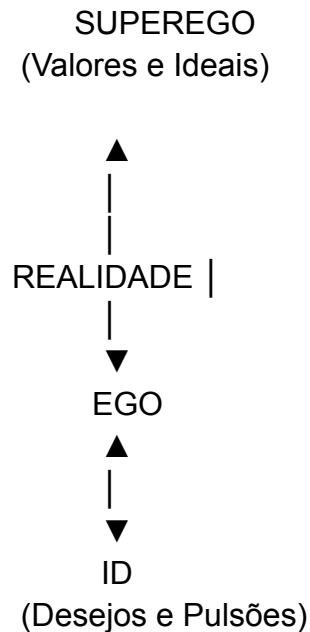
o Superego exige obediência às normas.

Ao mesmo tempo, a realidade apresenta seus próprios limites.

Grande parte da vida psíquica consiste justamente em equilibrar essas três exigências.



Esquema



O Ego busca um ponto de equilíbrio entre os desejos do Id, as exigências do Superego e as condições da realidade.

9. O Superego e a cultura

Freud ampliou essa reflexão em obras como **O Mal-Estar na Civilização** (1930).

Segundo ele, a vida em sociedade exige que muitos impulsos sejam controlados.

A cultura torna possível a convivência humana, mas também aumenta as exigências impostas pelo Superego.

Quanto maior a civilização, maiores tendem a ser as restrições aos impulsos.

Isso explica, em parte, por que o progresso social também pode produzir sofrimento psíquico.



10. O Superego na clínica

Durante a análise, o Superego pode manifestar-se de diferentes maneiras.

Alguns pacientes apresentam:

- autocrítica permanente;
- sentimento de fracasso;
- necessidade de agradar a todos;
- perfeccionismo extremo;
- incapacidade de aceitar erros.

Em outros casos, observa-se dificuldade em reconhecer limites ou assumir responsabilidade pelos próprios atos.

Compreender o funcionamento do Superego permite ao analista identificar essas dinâmicas e favorecer maior equilíbrio psíquico.

Estudo de Caso

Luciana, 42 anos, procura análise afirmando sentir-se constantemente insuficiente.

Apesar de receber elogios no trabalho, acredita que nunca faz o bastante.

Sempre que conclui um projeto, imediatamente passa a pensar no próximo, sem permitir-se comemorar suas conquistas.

Ao longo das sessões, recorda uma infância marcada por cobranças intensas e elogios condicionados ao desempenho.

Gradualmente, compreende que internalizou um modelo extremamente rígido de exigência.

Seu Superego tornou-se severo, produzindo culpa e autocrítica constantes.

O tratamento busca flexibilizar essa estrutura, permitindo uma relação mais saudável consigo mesma.



Quadro Comparativo

Característica	Superego
Origem	Desenvolve-se durante a infância
Formação	Internalização das normas e identificações parentais
Função principal	Consciência moral e Ideal do Eu
Emoções associadas	Culpa, vergonha, orgulho e satisfação moral
Relação com o Ego	Avalia e critica comportamentos
Relação com o Id	Limita os impulsos pulsionais

Aplicação Clínica

Pedro procura atendimento porque evita assumir novos desafios profissionais.

Sempre acredita que não será capaz de alcançar o nível de excelência que considera aceitável.

Durante a análise, percebe que sua autocrítica é desproporcional e que dificilmente reconhece seus próprios méritos.

A compreensão do funcionamento de seu Superego permite reduzir o perfeccionismo e favorecer maior autoconfiança.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que:

- o Superego representa a consciência moral e o Ideal do Eu;
- forma-se por meio da internalização das normas e identificações parentais;
- sua constituição relaciona-se, na teoria freudiana, à resolução do Complexo de Édipo;
- exerce funções de crítica, julgamento e orientação moral;



- pode apresentar funcionamento equilibrado, rígido ou insuficientemente desenvolvido;
- desempenha papel fundamental na formação da personalidade e na vida em sociedade;
- sua compreensão é essencial para a prática clínica psicanalítica.

GLOSSÁRIO

Superego: instância psíquica responsável pela consciência moral e pelo Ideal do Eu.

Internalização: processo pelo qual normas e valores externos tornam-se parte da personalidade.

Consciência moral: função do Superego que avalia comportamentos e produz sentimentos de culpa ou aprovação.

Ideal do Eu: conjunto de metas, valores e modelos que orientam o desenvolvimento pessoal.

Identificação: processo psíquico pelo qual o indivíduo incorpora características de pessoas significativas.

ATIVIDADES

Questões objetivas

1. O Superego é responsável principalmente por:

- a) produzir pulsões.
- b) organizar a percepção sensorial.
- c) representar a consciência moral e o Ideal do Eu.
- d) eliminar o inconsciente.

2. Segundo Freud, o Superego desenvolve-se:

- a) antes do nascimento.
- b) durante a infância, por meio da internalização das normas.
- c) apenas na vida adulta.
- d) exclusivamente na adolescência.



3. O Ideal do Eu corresponde:

- a) aos impulsos do Id.
- b) ao conjunto de metas e modelos que o indivíduo deseja alcançar.
- c) ao conteúdo manifesto dos sonhos.
- d) ao princípio do prazer.

4. Um Superego excessivamente rígido pode favorecer:

- a) ausência completa de culpa.
- b) impulsividade extrema.
- c) culpa constante e perfeccionismo.
- d) perda da memória.

5. Na teoria freudiana, a formação do Superego relaciona-se principalmente:

- a) à Primeira Guerra Mundial.
- b) à resolução do Complexo de Édipo.
- c) ao nascimento biológico.
- d) à interpretação dos sonhos.

Questões discursivas

1. Explique como ocorre a formação do Superego.
2. Diferencie consciência moral e Ideal do Eu.
3. Por que o Superego pode produzir culpa mesmo sem uma ação concreta?
4. Compare um Superego equilibrado com um Superego excessivamente rígido.
5. Explique a importância clínica da compreensão do Superego na prática psicanalítica.

LEITURA COMPLEMENTAR

- Freud, Sigmund. *O Ego e o Id* (1923).
- Freud, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1930).
- Anna Freud. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*.
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.
- Roudinesco, Élisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*.



UNIDADE II - A SEGUNDA TÓPICA

CAPÍTULO 13

OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO

"O Ego utiliza diversos procedimentos para proteger-se da ansiedade, preservando, tanto quanto possível, seu equilíbrio psíquico."

— Fundamentado na teoria de **Sigmund Freud** e desenvolvido por **Anna Freud**

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender o conceito de mecanismos de defesa;
- identificar a função defensiva do Ego;
- explicar por que os mecanismos de defesa são necessários;
- diferenciar os principais mecanismos descritos pela Psicanálise;
- compreender sua importância clínica e suas limitações.

1. Introdução

Ao longo dos capítulos anteriores, estudamos que o Ego vive em permanente tensão.

De um lado, o **Id** exige satisfação imediata.

De outro, o **Superego** impõe normas, críticas e ideais.

Além disso, a realidade apresenta limites que nem sempre permitem realizar os desejos.

Diante dessas pressões, o Ego precisa proteger-se para evitar um sofrimento psíquico excessivo.

É justamente para cumprir essa função que surgem os **mecanismos de defesa**.



Esses mecanismos não representam doenças.

São estratégias inconscientes utilizadas pelo Ego para reduzir a ansiedade e preservar o equilíbrio emocional.

2. O que são mecanismos de defesa?

Os mecanismos de defesa são processos psicológicos, em grande parte inconscientes, empregados pelo Ego para enfrentar conflitos internos ou externos que poderiam gerar sofrimento intenso.

Eles ajudam o indivíduo a lidar com:

- frustrações;
- perdas;
- medos;
- culpa;
- vergonha;
- conflitos morais;
- impulsos considerados inaceitáveis.

Sem essas defesas, a vida psíquica seria muito mais vulnerável à ansiedade.

3. Freud e Anna Freud

Sigmund Freud introduziu o conceito de mecanismos de defesa ao estudar o recalque.

Posteriormente, sua filha, **Anna Freud**, ampliou significativamente esse tema na obra **O Ego e os Mecanismos de Defesa** (1936).

Ela descreveu, sistematizou e aprofundou diversas formas pelas quais o Ego procura proteger-se dos conflitos.

Seu trabalho tornou-se uma das principais referências da Psicologia do Ego.



4. Os mecanismos de defesa são normais?

Sim.

Todos os seres humanos utilizam mecanismos de defesa.

Eles fazem parte do funcionamento normal da personalidade.

O problema não está na existência das defesas.

O problema surge quando:

- tornam-se excessivamente rígidas;
- distorcem profundamente a realidade;
- impedem o crescimento emocional;
- dificultam os relacionamentos;
- substituem permanentemente o enfrentamento consciente dos problemas.

Em outras palavras, as defesas tornam-se prejudiciais quando deixam de proteger e passam a limitar o desenvolvimento da pessoa.

5. A ansiedade como sinal de perigo

Freud compreendeu a ansiedade como um sinal emitido pelo Ego diante da possibilidade de um conflito.

Essa ansiedade pode surgir por diferentes motivos:

- medo de punição;
- medo de perder o amor das pessoas importantes;
- culpa;
- desejos proibidos;
- conflitos entre impulsos e valores.

Quando percebe esse perigo, o Ego ativa mecanismos de defesa.

6. O recalque

O recalque é considerado o mecanismo de defesa mais importante da teoria freudiana.



Consiste em afastar da consciência desejos, lembranças ou pensamentos considerados inaceitáveis.

Esses conteúdos permanecem ativos no inconsciente e podem retornar por meio de:

- sonhos;
- sintomas;
- atos falhos;
- compulsões à repetição.

O recalque constitui a base para diversos outros mecanismos defensivos.

7. A negação

Na negação, o indivíduo recusa aceitar aspectos dolorosos da realidade.

Exemplo

Após receber um diagnóstico médico grave, uma pessoa afirma:

"Os exames estão errados. Isso não pode estar acontecendo comigo."

Inicialmente, essa reação pode proteger o indivíduo do impacto emocional.

Entretanto, se persistir por longo período, poderá dificultar o tratamento.

8. A projeção

Na projeção, sentimentos ou desejos próprios são atribuídos a outras pessoas.

Exemplo

Uma pessoa extremamente invejosa afirma constantemente que todos têm inveja dela.

Aquilo que pertence ao próprio sujeito é percebido como se estivesse no outro.



9. A racionalização

A racionalização procura oferecer explicações aparentemente lógicas para comportamentos motivados por conflitos inconscientes.

Exemplo

Um candidato reprovado em um concurso afirma:

"Na verdade, eu nem queria esse cargo."

Embora essa justificativa reduza a frustração momentânea, pode impedir uma reflexão mais profunda sobre a experiência.

10. A formação reativa

Nesse mecanismo, o indivíduo manifesta comportamento exatamente oposto ao impulso que procura controlar.

Exemplo

Uma pessoa que experimenta forte hostilidade em relação a alguém passa a tratá-lo com exagerada gentileza.

O comportamento consciente funciona como defesa contra o sentimento inconsciente.

11. A regressão

Na regressão, o indivíduo retorna temporariamente a formas de comportamento características de fases anteriores do desenvolvimento.

Exemplo

Uma criança que já havia deixado de chupar chupeta volta a buscá-la após o nascimento de um irmão.

Em adultos, a regressão pode aparecer diante de situações altamente estressantes.



12. O deslocamento

O deslocamento consiste em transferir emoções de um objeto ameaçador para outro menos perigoso.

Exemplo

Após ser humilhado pelo chefe, um funcionário evita responder no ambiente de trabalho.

Ao chegar em casa, porém, descarrega sua irritação sobre familiares.

O conflito original permanece, mas a emoção é deslocada.

13. A sublimação

Entre todos os mecanismos de defesa, a sublimação ocupa posição especial.

Freud a considerava uma das formas mais elaboradas de defesa.

Nesse processo, a energia pulsional é direcionada para atividades socialmente valorizadas.

Exemplos:

- arte;
- música;
- literatura;
- pesquisa científica;
- esporte;
- trabalho voluntário.

A pulsão não é reprimida.

Ela é transformada em produção cultural ou criativa.

Exemplo

Uma pessoa com intensa agressividade dedica-se às artes marciais, aprendendo disciplina e autocontrole.



A energia impulsiva encontra uma forma socialmente aceita de expressão.

14. Outros mecanismos de defesa

Além dos mecanismos clássicos, a literatura psicanalítica descreve outros processos importantes.

Entre eles:

- identificação;
- isolamento afetivo;
- intelectualização;
- anulação;
- cisão;
- humor;
- altruísmo.

Alguns desses mecanismos foram desenvolvidos posteriormente por Anna Freud, Heinz Hartmann, George Vaillant e outros autores da tradição psicanalítica.

15. Os mecanismos de defesa e a saúde mental

A presença de mecanismos de defesa não significa doença.

Na verdade, indivíduos psicologicamente saudáveis utilizam diferentes mecanismos conforme as circunstâncias.

O que diferencia um funcionamento saudável de um funcionamento patológico é:

- a flexibilidade;
- a capacidade de adaptação;
- a predominância de defesas mais maduras, como a sublimação e o humor.

16. O papel do analista

O objetivo da Psicanálise não consiste em eliminar os mecanismos de defesa.

Essas defesas possuem importante função protetiva.



O trabalho clínico busca:

- compreender sua origem;
- reconhecer quando são necessárias;
- identificar quando deixam de ser adaptativas;
- favorecer formas mais flexíveis de enfrentamento dos conflitos.

A interpretação das defesas exige cuidado, pois elas representam tentativas do Ego de preservar sua estabilidade.

Estudo de Caso

Ricardo, 39 anos, procura análise após conflitos constantes no trabalho.

Sempre que recebe críticas construtivas, reage afirmando que os colegas estão "com inveja" de seu desempenho.

Ao longo do processo analítico, percebe que experimenta intensa insegurança profissional e dificuldade em reconhecer suas limitações.

Nesse caso, observa-se a predominância da **projeção**: sentimentos próprios de inadequação são atribuídos aos colegas.

Com o fortalecimento do Ego, Ricardo passa a lidar de forma mais realista com as críticas, reduzindo os conflitos interpessoais.

Quadro Comparativo dos Principais Mecanismos

Mecanismo	Característica principal
Recalque	Afasta conteúdos da consciência.
Negação	Recusa aceitar a realidade dolorosa.
Projeção	Atribui ao outro sentimentos próprios.
Racionalização	Oferece justificativas aparentemente lógicas.
Formação reativa	Expressa o oposto do impulso verdadeiro.
Regressão	Retorna temporariamente a comportamentos infantis.



Deslocamento Transfere emoções para objeto menos ameaçador.

Sublimação Direciona impulsos para atividades socialmente valorizadas.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que:

- os mecanismos de defesa são estratégias inconscientes utilizadas pelo Ego;
- sua principal função é reduzir a ansiedade e preservar o equilíbrio psíquico;
- todos os indivíduos utilizam mecanismos de defesa;
- o recalque constitui o mecanismo central da teoria freudiana;
- defesas como projeção, negação, racionalização, regressão e deslocamento aparecem frequentemente na clínica;
- a sublimação é considerada uma das formas mais maduras de defesa;
- o trabalho analítico busca compreender e flexibilizar essas defesas, e não simplesmente eliminá-las.

GLOSSÁRIO

Mecanismos de defesa: estratégias inconscientes utilizadas pelo Ego para lidar com conflitos e ansiedade.

Recalque: exclusão inconsciente de conteúdos inaceitáveis da consciência.

Projeção: atribuição ao outro de sentimentos ou desejos próprios.

Sublimação: transformação da energia pulsional em atividades socialmente valorizadas.

Racionalização: construção de explicações lógicas para conflitos inconscientes.

Formação reativa: adoção consciente de comportamento oposto ao impulso reprimido.



ATIVIDADES

Questões objetivas

1. Os mecanismos de defesa têm como principal função:
 - a) eliminar definitivamente os conflitos psíquicos.
 - b) reduzir a ansiedade e proteger o Ego.
 - c) fortalecer o Id.
 - d) impedir o funcionamento do Superego.
2. O mecanismo que consiste em atribuir ao outro sentimentos próprios é:
 - a) regressão.
 - b) racionalização.
 - c) projeção.
 - d) sublimação.
3. A sublimação caracteriza-se por:
 - a) negar a realidade.
 - b) transformar impulsos em atividades socialmente valorizadas.
 - c) esquecer acontecimentos traumáticos.
 - d) retornar a comportamentos infantis.
4. A racionalização consiste em:
 - a) justificar comportamentos por meio de explicações aparentemente lógicas.
 - b) afastar conteúdos da consciência.
 - c) substituir a realidade pela fantasia.
 - d) atribuir desejos ao outro.
5. Segundo Anna Freud, os mecanismos de defesa:
 - a) ocorrem apenas em pessoas com transtornos mentais.
 - b) fazem parte do funcionamento normal da personalidade.
 - c) são sempre prejudiciais.
 - d) desaparecem na vida adulta.



Questões discursivas

1. Explique o que são mecanismos de defesa e qual sua função.
2. Diferencie recalque, negação e projeção.
3. Por que a sublimação é considerada um mecanismo de defesa mais elaborado?
4. Em que situações os mecanismos de defesa deixam de ser adaptativos?
5. Qual deve ser a postura do psicanalista diante das defesas apresentadas pelo paciente?

LEITURA COMPLEMENTAR

- Freud, Sigmund. *O Ego e o Id* (1923).
- Anna Freud. *O Ego e os Mecanismos de Defesa* (1936).
- Freud, Sigmund. *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926).
- Vaillant, George. *Adaptation to Life*.
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.



UNIDADE II - A SEGUNDA TÓPICA

CAPÍTULO 14

A DINÂMICA ENTRE ID, EGO E SUPEREGO: O EQUILÍBRIO DA PERSONALIDADE

"A personalidade humana é o resultado de um diálogo permanente entre o desejo, a realidade e a consciência moral."

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender a interação entre Id, Ego e Superego;
- identificar os conflitos gerados pela atuação simultânea das três instâncias;
- explicar o papel do Ego como mediador da personalidade;
- reconhecer as consequências clínicas do predomínio de cada instância;
- aplicar os conceitos da Segunda Tópica à compreensão do comportamento humano.

1. Introdução

Nos capítulos anteriores, estudamos separadamente as três instâncias propostas por Freud:

- **Id;**
- **Ego;**
- **Superego.**

Entretanto, elas nunca atuam isoladamente.

A personalidade humana é resultado da interação constante entre essas três forças.

A Segunda Tópica não descreve compartimentos independentes da mente, mas um sistema dinâmico, no qual cada instância influencia continuamente as demais.



Compreender essa dinâmica é essencial para a prática clínica, pois os sintomas, os conflitos e as escolhas do indivíduo decorrem justamente do equilíbrio — ou do desequilíbrio — entre essas forças.

2. A personalidade como sistema dinâmico

Freud utilizou a expressão **dinâmica psíquica** para indicar que a mente está em permanente movimento.

Não existe equilíbrio absoluto.

A todo momento surgem:

- novos desejos;
- novas exigências sociais;
- novas experiências;
- novos conflitos.

O aparelho psíquico reorganiza-se continuamente para responder a essas demandas.

Assim, a personalidade deve ser compreendida como um processo em constante transformação.

3. O papel do Id

O Id representa a energia da vida psíquica.

É dele que surgem:

- desejos;
- impulsos;
- necessidades;
- fantasias;
- agressividade;
- libido.

Sem o Id não haveria motivação para agir.

Entretanto, se ele atuasse sozinho, a convivência social seria praticamente impossível.



O indivíduo buscaria satisfazer imediatamente todos os seus impulsos.

4. O papel do Ego

O Ego procura transformar os impulsos em comportamentos possíveis.

Ele pergunta:

- É o momento adequado?
- Existem riscos?
- Quais serão as consequências?
- Há outra forma de alcançar esse objetivo?

O Ego representa a capacidade de refletir antes de agir.

Sua eficiência determina, em grande parte, a adaptação do indivíduo ao mundo.

5. O papel do Superego

O Superego funciona como referência moral.

Ele compara constantemente o comportamento do Ego com os valores internalizados.

Quando percebe uma discrepância, produz:

- culpa;
- vergonha;
- autocrítica;
- necessidade de reparação.

Ao mesmo tempo, incentiva o desenvolvimento pessoal por meio do Ideal do Eu.

6. Um conflito cotidiano

Imagine a seguinte situação.

Uma pessoa encontra uma carteira cheia de dinheiro na rua.



Imediatamente surgem diferentes forças psíquicas.

O Id

"Pegue o dinheiro. Ninguém está vendo."

O Id busca satisfação imediata.

O Superego

"Isso seria desonesto. O correto é devolver."

O Superego recorda os valores morais.

O Ego

O Ego analisa:

- a existência de documentos;
- as consequências legais;
- os princípios pessoais;
- a possibilidade de localizar o proprietário.

Após essa avaliação, toma uma decisão.

Esse exemplo ilustra a atuação simultânea das três instâncias.

7. Quando o Id predomina

Em algumas situações, o Ego não consegue controlar adequadamente os impulsos do Id.

Podem surgir:

- impulsividade;
- agressividade;
- abuso de substâncias;
- gastos compulsivos;
- comportamentos de risco.



Nesses casos, o desejo imediato prevalece sobre a reflexão.

Exemplo clínico

Um paciente reconhece que determinadas atitudes lhe causam prejuízos, mas afirma:

"Na hora, simplesmente faço sem pensar."

A análise demonstra dificuldade do Ego em conter os impulsos do Id.

8. Quando o Superego predomina

Em outras situações, o Superego torna-se excessivamente severo.

O indivíduo passa a viver sob intensa cobrança interna.

Podem surgir:

- perfeccionismo;
- culpa constante;
- medo de errar;
- baixa autoestima;
- autocrítica exagerada.

Mesmo diante de conquistas importantes, a pessoa acredita que nunca faz o suficiente.

Exemplo clínico

Uma médica trabalha doze horas por dia e ainda se sente culpada por descansar aos finais de semana.

Seu Superego estabelece padrões impossíveis de alcançar.



9. Quando o Ego está fortalecido

O funcionamento mais saudável ocorre quando o Ego consegue equilibrar as diferentes exigências.

Isso não significa ausência de conflitos.

Os conflitos fazem parte da vida.

O Ego fortalecido é capaz de:

- reconhecer desejos;
- respeitar limites;
- aceitar frustrações;
- aprender com os erros;
- adaptar-se às mudanças.

10. O conflito nunca desaparece

Freud afirmava que o conflito é constitutivo da existência humana.

Não existe personalidade totalmente livre de tensões.

Sempre haverá desejos incompatíveis entre si.

Sempre existirão limites impostos pela realidade.

Sempre haverá valores que entram em conflito com determinados impulsos.

O objetivo da Psicanálise não consiste em eliminar esses conflitos.

Seu propósito é favorecer formas mais maduras de enfrentá-los.

11. O sofrimento psíquico

O sofrimento pode surgir quando o equilíbrio entre as instâncias é rompido.

Por exemplo:

Predomínio do Id

- impulsividade;



- dificuldade em aceitar limites;
- comportamentos destrutivos.

Predomínio do Superego

- culpa excessiva;
- ansiedade moral;
- perfeccionismo;
- autodesvalorização.

Ego fragilizado

- dificuldade para tomar decisões;
- ansiedade intensa;
- uso excessivo de mecanismos de defesa;
- dificuldade de adaptação.

12. A personalidade saudável

Do ponto de vista psicanalítico, uma personalidade saudável não é aquela que elimina desejos ou conflitos.

Ela é capaz de:

- reconhecer seus impulsos sem ser dominada por eles;
- respeitar valores sem tornar-se escrava da culpa;
- adaptar-se à realidade sem perder espontaneidade;
- suportar frustrações;
- construir relações afetivas maduras.

Essa capacidade depende, principalmente, do fortalecimento do Ego.

13. A Segunda Tópica na prática clínica

Durante o tratamento psicanalítico, o analista procura compreender:

- quais impulsos predominam;



- quais conflitos permanecem inconscientes;
- como atua o Superego;
- quais mecanismos de defesa o Ego utiliza;
- quais experiências infantis influenciam esse funcionamento.

Cada paciente apresenta uma configuração singular.

Não existem duas organizações psíquicas idênticas.

Estudo de Caso

Marcelo, 33 anos, procura análise após sucessivos conflitos conjugais.

Relata que frequentemente promete mudar determinados comportamentos impulsivos, mas volta a repeti-los.

Quando isso acontece, sente intensa culpa e passa dias criticando a si mesmo.

Durante o tratamento, percebe-se a seguinte dinâmica:

- o **Id** impulsiona comportamentos imediatistas;
- o **Superego** responde com severas críticas e sentimentos de culpa;
- o **Ego**, fragilizado, tem dificuldade para mediar esse conflito.

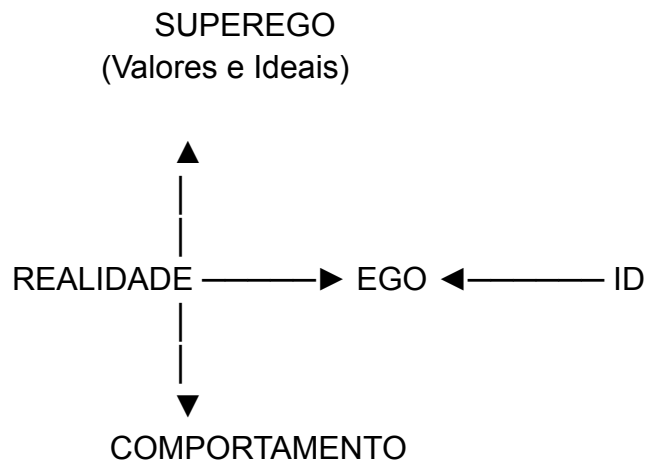
Ao longo do processo analítico, Marcelo desenvolve maior capacidade de reconhecer seus impulsos, refletir antes de agir e lidar de maneira mais equilibrada com seus erros.

Quadro Comparativo

Instância	Pergunta central	Características
Id	O que eu desejo?	Pulsões, prazer imediato, impulsividade.
Ego	O que é possível fazer?	Realidade, planejamento, mediação.
Superego	O que devo fazer?	Moralidade, culpa, ideais.



Esquema Integrador



O comportamento humano resulta da interação permanente entre essas três instâncias.

Aplicação Clínica

Uma estudante universitária procura atendimento por apresentar ansiedade intensa antes das provas.

Durante as sessões, percebe-se que:

- deseja obter excelentes resultados (**Ideal do Eu**);
- teme decepcionar a família (**Superego**);
- gostaria de abandonar temporariamente os estudos para aliviar a tensão (**Id**).

O Ego aprende gradualmente a organizar melhor sua rotina, administrar expectativas e desenvolver formas mais saudáveis de lidar com a pressão.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que:

- Id, Ego e Superego atuam simultaneamente;
- o comportamento humano resulta da interação entre essas instâncias;
- o Ego exerce função mediadora;
- conflitos são inevitáveis na vida psíquica;
- o predomínio excessivo de qualquer instância pode gerar sofrimento;
- o fortalecimento do Ego favorece maior equilíbrio emocional;



- a compreensão dessa dinâmica constitui uma das maiores contribuições da Segunda Tópica para a Psicanálise.

GLOSSÁRIO

Dinâmica psíquica: interação permanente entre as instâncias da personalidade.

Equilíbrio psíquico: capacidade do Ego de administrar os conflitos entre Id, Superego e realidade.

Ansiedade moral: sofrimento decorrente das exigências do Superego.

Impulsividade: tendência à ação imediata, frequentemente associada ao predomínio do Id.

Mediação: função do Ego de conciliar desejos, normas e realidade.

ATIVIDADES

Questões objetivas

1. A personalidade resulta da interação entre:

- a) consciente, memória e linguagem.
- b) Id, Ego e Superego.
- c) cérebro, emoção e comportamento.
- d) pulsão, libido e sonho.

2. O Ego exerce principalmente a função de:

- a) produzir desejos.
- b) estabelecer normas morais.
- c) mediar conflitos entre Id, Superego e realidade.
- d) eliminar o inconsciente.

3. O predomínio excessivo do Superego pode favorecer:

- a) impulsividade extrema.
- b) culpa e perfeccionismo.
- c) ausência de regras.
- d) perda da memória.



4. Segundo Freud, o conflito psíquico:

- a) desaparece completamente na vida adulta.
- b) existe apenas em pessoas com transtornos mentais.
- c) faz parte da constituição da personalidade.
- d) ocorre somente durante a infância.

5. O fortalecimento do Ego favorece:

- a) eliminação das pulsões.
- b) maior equilíbrio emocional e adaptação à realidade.
- c) desaparecimento do Superego.
- d) funcionamento exclusivo do Id.

Questões discursivas

1. Explique por que Id, Ego e Superego devem ser compreendidos como instâncias interdependentes.
2. Descreva as consequências do predomínio do Id sobre a personalidade.
3. Explique como um Superego excessivamente rígido pode contribuir para o sofrimento psíquico.
4. Qual é a função mediadora do Ego?
5. De que forma a Segunda Tópica contribui para a prática clínica psicanalítica?

LEITURA COMPLEMENTAR

- **Freud, Sigmund.** *O Ego e o Id* (1923).
- **Freud, Sigmund.** *O Mal-Estar na Civilização* (1930).
- **Anna Freud.** *O Ego e os Mecanismos de Defesa*.
- **Garcia-Roza, Luiz Alfredo.** *Introdução à Metapsicologia Freudiana*.
- **Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand.** *Vocabulário da Psicanálise*.



UNIDADE III - AS PULSÕES

CAPÍTULO 15

A TEORIA DAS PULSÕES: O MOTOR DA VIDA PSÍQUICA

"As pulsões são as verdadeiras forças motrizes por trás dos progressos que conduziram o sistema nervoso ao seu elevado grau atual de desenvolvimento."

— Sigmund Freud

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, o estudante deverá ser capaz de:

- compreender o conceito de pulsão (Trieb);
- distinguir pulsão de instinto;
- conhecer a evolução histórica da teoria das pulsões em Freud;
- identificar os quatro elementos constitutivos da pulsão;
- compreender a importância das pulsões para o funcionamento do aparelho psíquico.

1. Introdução

Por que o ser humano deseja?

Por que sente fome, medo, prazer, amor, raiva ou curiosidade?

O que impulsiona uma pessoa a criar uma obra de arte, constituir uma família, construir uma carreira ou, em alguns casos, destruir aquilo que ama?

Essas perguntas acompanharam Freud durante toda a sua produção intelectual.

Para respondê-las, ele desenvolveu um dos conceitos mais importantes da Psicanálise: **a pulsão**.



Sem compreender a teoria das pulsões, torna-se impossível entender:

- o inconsciente;
- os sonhos;
- os sintomas;
- os mecanismos de defesa;
- o desenvolvimento da personalidade;
- a própria clínica psicanalítica.

A pulsão é a força que coloca o aparelho psíquico em movimento.

2. O que é uma pulsão?

A palavra alemã utilizada por Freud é **Trieb**.

Sua tradução para outras línguas gerou inúmeras discussões.

Em português, consolidou-se o termo **pulsão**, justamente para diferenciá-lo de **instinto**.

Freud define pulsão como:

"Um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático."

Isso significa que a pulsão nasce no corpo, mas exige uma resposta do psiquismo.

Ela é uma pressão constante dirigida ao aparelho psíquico.

3. Pulsão não é instinto

Um dos erros mais comuns é utilizar "instinto" e "pulsão" como sinônimos.

Na teoria freudiana, eles não significam a mesma coisa.

Instinto

O instinto caracteriza-se por:

- origem biológica;
- comportamento relativamente fixo;
- objeto previamente determinado;



- finalidade específica.

Exemplo:

Uma aranha constrói sua teia sem precisar aprender.

Esse comportamento instintivo apresenta pequena variação.

Pulsão

A pulsão possui características diferentes.

Ela:

- nasce do corpo;
- manifesta-se no psiquismo;
- pode modificar seu objeto;
- pode alterar sua finalidade;
- sofre influência da história individual e da cultura.

Enquanto o instinto é rígido, a pulsão é flexível.

Essa flexibilidade explica a enorme diversidade do comportamento humano.

Quadro Comparativo

Instinto	Pulsão
Biológico	Psíquico-somático
Herdado	Desenvolvido na experiência
Objeto fixo	Objeto variável
Pouca flexibilidade	Grande plasticidade
Predomina nos animais	Caracteriza o ser humano



4. A evolução da teoria das pulsões

A teoria das pulsões não surgiu pronta.

Ela passou por importantes transformações.

Primeira fase

Inicialmente, Freud distinguiu:

- pulsões de autoconservação;
- pulsões sexuais.

As primeiras relacionavam-se à sobrevivência.

As segundas buscavam satisfação libidinal.

Segunda fase

Após a publicação de **Além do Princípio do Prazer** (1920), Freud reformulou sua teoria.

Passou então a distinguir:

- pulsões de vida (**Eros**);
- pulsões de morte (**Thanatos**).

Essa nova classificação tornou-se uma das bases da metapsicologia freudiana.

Será estudada nos próximos capítulos.

5. Os quatro elementos da pulsão

Freud descreveu toda pulsão a partir de quatro componentes fundamentais.

a) Fonte

É a origem corporal da pulsão.

Pode corresponder a uma necessidade orgânica ou a um estado interno de tensão.



Exemplo:

A fome possui origem em alterações fisiológicas do organismo.

b) Pressão

É a força com que a pulsão exige satisfação.

A pressão permanece enquanto a necessidade não é suficientemente reduzida.

Por isso Freud afirmava que a pulsão exerce uma exigência constante sobre o aparelho psíquico.

c) Finalidade

Toda pulsão busca reduzir a tensão que lhe deu origem.

Sua finalidade última consiste na satisfação.

Entretanto, essa satisfação pode ocorrer por diferentes caminhos.

d) Objeto

É aquilo por meio do qual a pulsão procura alcançar satisfação.

O objeto não é fixo.

Pode variar ao longo da vida.

É justamente essa característica que diferencia profundamente a pulsão do instinto.

Exemplo

Uma pessoa sente necessidade de reconhecimento.

Inicialmente procura satisfazê-la por meio do desempenho escolar.

Mais tarde busca reconhecimento no trabalho.



Posteriormente pode encontrá-lo em atividades voluntárias.

A pulsão permanece.

O objeto modifica-se.

6. A plasticidade das pulsões

Uma das maiores descobertas de Freud foi perceber que as pulsões humanas apresentam extraordinária capacidade de transformação.

Elas podem:

- deslocar-se;
- substituir objetos;
- combinar-se;
- ser reprimidas;
- ser sublimadas;
- reaparecer em sintomas.

Essa plasticidade explica por que o comportamento humano é tão complexo.

7. A satisfação nunca é absoluta

Outro aspecto importante da teoria freudiana consiste em reconhecer que nenhuma satisfação elimina definitivamente a pulsão.

Após algum tempo, a tensão retorna.

Por exemplo:

- a fome reaparece;
- o desejo retorna;
- novas necessidades surgem.

Essa característica torna a vida psíquica dinâmica.

O ser humano permanece constantemente mobilizado por novas buscas.



8. A pulsão e a cultura

Freud compreendeu que a vida em sociedade exige constantes renúncias pulsionais.

Nem todos os desejos podem ser realizados.

Grande parte da cultura resulta justamente da transformação das pulsões.

A arte, a ciência, a filosofia, a religião e inúmeras manifestações culturais podem ser compreendidas como destinos possíveis da energia pulsional.

Essa ideia será aprofundada quando estudarmos a sublimação.

9. A pulsão e os sintomas

Quando a satisfação direta não é possível, a pulsão pode buscar caminhos indiretos.

Entre eles:

- sonhos;
- sintomas;
- atos falhos;
- fantasias;
- comportamentos repetitivos.

Por isso, compreender as pulsões é indispensável para interpretar o sofrimento psíquico.

10. A importância clínica da teoria das pulsões

Na prática clínica, o psicanalista procura compreender:

- quais pulsões predominam;
- como elas procuram satisfação;
- quais obstáculos encontram;
- quais mecanismos de defesa entram em ação;
- quais destinos essas pulsões assumem.

O objetivo da análise não consiste em eliminar as pulsões.



Elas fazem parte da condição humana.

Busca-se favorecer formas mais criativas, conscientes e adaptativas de expressão.

Estudo de Caso

Helena, 31 anos, relata sentir necessidade constante de reconhecimento.

Quando recebe elogios, experimenta intensa satisfação.

Entretanto, pouco tempo depois volta a sentir-se insuficiente.

Durante o tratamento, percebe que essa busca esteve presente desde a infância.

Em diferentes momentos da vida, mudou apenas o objeto de investimento: escola, trabalho, relacionamentos e redes sociais.

A análise demonstra que a pulsão permanece ativa, enquanto seus objetos se transformam ao longo do tempo.

Quadro-Resumo

Elemento da pulsão	Definição
Fonte	Origem corporal da tensão
Pressão	Intensidade da exigência pulsional
Finalidade	Redução da tensão por meio da satisfação
Objeto	Meio utilizado para alcançar satisfação

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que:

- a pulsão constitui o motor da vida psíquica;



- ela situa-se na fronteira entre o corpo e o psiquismo;
- pulsão e instinto não são conceitos equivalentes;
- toda pulsão apresenta fonte, pressão, finalidade e objeto;
- os objetos pulsionais podem modificar-se ao longo da vida;
- as pulsões possuem grande plasticidade;
- compreender as pulsões é fundamental para a teoria e a clínica psicanalíticas.

GLOSSÁRIO

Pulsão (Trieb): força de origem corporal que exige trabalho do aparelho psíquico.

Instinto: comportamento biológico relativamente fixo, característico de diversas espécies animais.

Fonte: origem corporal da pulsão.

Pressão: intensidade com que a pulsão exige satisfação.

Finalidade: objetivo de reduzir a tensão pulsional.

Objeto: meio utilizado para alcançar a satisfação.

ATIVIDADES

Questões objetivas

1. Na teoria freudiana, a pulsão é definida como:

- a) um reflexo automático.
- b) um comportamento instintivo fixo.
- c) um conceito situado entre o somático e o psíquico.
- d) uma função exclusiva da consciência.

2. A principal diferença entre pulsão e instinto consiste em que:

- a) a pulsão possui objeto variável.
- b) a pulsão é exclusivamente biológica.
- c) o instinto depende da cultura.
- d) ambos são conceitos idênticos.



3. São elementos constitutivos da pulsão:

- a) corpo, mente, emoção e memória.
- b) fonte, pressão, finalidade e objeto.
- c) Id, Ego, Superego e libido.
- d) percepção, consciência, memória e linguagem.

4. Segundo Freud, a finalidade da pulsão é:

- a) eliminar definitivamente o desejo.
- b) reduzir a tensão por meio da satisfação.
- c) produzir sofrimento.
- d) fortalecer o Superego.

5. A plasticidade da pulsão significa que:

- a) ela nunca muda.
- b) seus objetos e formas de satisfação podem modificar-se.
- c) depende exclusivamente da genética.
- d) ocorre apenas durante a infância.

Questões discursivas

1. Explique por que Freud distinguiu pulsão e instinto.
2. Descreva os quatro elementos constitutivos da pulsão.
3. O que significa afirmar que a pulsão está na fronteira entre o corpo e o psiquismo?
4. Explique a importância da plasticidade das pulsões.
5. Justifique a relevância clínica da teoria das pulsões.

LEITURA COMPLEMENTAR

- Freud, Sigmund. *As Pulsões e seus Destinos* (1915).
- Freud, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer* (1920).
- Freud, Sigmund. *O Ego e o Id* (1923).
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.
- Garcia-Roza, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*.